

As contradições e complexidades que levaram Paulo Honório a narrar sua história.

* Andréa Nogueira do Amaral Ferreira

São Bernardo, obra de Graciliano Ramos, narra a história de Paulo Honório, produzida pelo narrador/personagem. Nas primeiras tentativas de escrita, contou com a ajuda dos amigos, mas logo desistiu e seguiu sozinho a narrativa em retrospectiva da sua vida. “[...] e iniciei a composição de repente, valendo-me dos meus próprios recursos e sem indagar se isto me traz qualquer vantagem, direta ou indireta” (RAMOS, 1991, p.9).

Sua narrativa, contada de maneira simples, revela suas origens e mostra o seu caráter ambicioso e cruel. A trajetória do personagem/narrador é centrada na posse da fazenda São Bernardo e ele não mede esforços para consegui-la. Impiedoso, Paulo Honório aprendeu que só se respeita os poderosos, daí a sua ganância em enriquecer e mandar.

A verdade é que nunca soube mais quais foram os meus atos bons e quais foram os maus. Fiz coisas boas que me trouxeram prejuízo; fiz coisas ruins que deram lucro. E como sempre tive a intenção de possuir as terras de São Bernardo, considerei as ações que me levaram a obtê-las (RAMOS, 1991, p. 39).

A obra de Graciliano Ramos (1991), escrita em 1934, relata o momento vivido pelo autor; a modernidade despontava no país, sendo o capitalismo o cerne desse período. O individualismo no narrador/personagem é uma característica do homem moderno que surgia nessa época, apesar de Paulo Honório se mostrar tradicional quando não aceita o novo e clama pela tradição patriarcal para revelar e demandar poder. Não há nele vestígios de religiosidade. Mesmo quando ele fala em construir uma capela em São Bernardo, foi visando a interesses. Conforme Alain Touraine (2009, p.18), “a ideia de modernidade substitui Deus no centro da sociedade, colocando de lado as crenças religiosas para investir na vida privada”. Esse trecho afirma a transição do indivíduo, que ainda resgata as características do homem feudal, mas que começa a adquirir peculiaridades do homem moderno capitalista, burguês empreendedor, cruel, para quem tudo que importa é possuir.

Quando resolve casar-se, mostra-se interessado em dar continuidade aos trabalhos em São Bernardo.

* Mestranda em Estudos Literários na Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES).

As contradições e complexidades que levaram Paulo Honório a narrar sua história.

Amanheci um dia pensando em casar. Foi uma ideia que me veio sem que nenhum rabo-de-saia a provocasse. Não me ocupo com amores... Não me sentia pois inclinado para nenhuma: o que sentia era desejo de preparar um herdeiro para as terras de São Bernardo (RAMOS, 1991, p.59).

Não primava pela família, seu objetivo era a ascensão social e buscava por isso de maneira individualista e solitária. O individualismo, sendo um traço marcante do modernismo, mostra que o ser humano é livre para alcançar seu direito e ter autonomia sobre suas ações. Jürgen Habermas (2000) afirma que a expressão subjetividade, advinda do princípio do mundo moderno, comporta o individualismo com singularidade para poder fazer valer os seus direitos. Os conceitos morais dos tempos modernos são talhados para reconhecer a liberdade subjetiva do sujeito.

Outro aspecto chama atenção para as contradições do indivíduo tradicional e moderno na história de Paulo Honório. A vida no campo do narrador/ personagem aponta o homem tradicional, preso às raízes, envolto ainda com o sistema feudal, o que nega os tempos modernos, cujas cidades eram consideradas os centros de convivência entre povos, culturas e civilizações.

A grande cidade pode ser o lugar por excelência da modernidade e da pós-modernidade. Juntamente com a urbanização, o mercado, o dinheiro, o direito e a política, bem como a secularização, a individuação e a racionalização, aí também florescem a arte, a ciência, e a filosofia (IANNI, 2003, p.125).

De posse de São Bernardo, Paulo Honório inicia a posse por Madalena. Ele faz do casamento um negócio.

“___ [...] Vamos marcar o dia.

___ Não há pressa. Talvez daqui a um ano... Eu preciso preparar-me.

___ Um ano? Negócio com prazo de ano não presta. Que é que falta?” (RAMOS, 1991, p.93).

Mais uma vez, Paulo Honório sai vitorioso, casando-se com Madalena que, mesmo não sentindo amor por ele, cede à vida tranquila na fazenda. Ela, com espírito humanista, com atos que buscam ruptura ao individualismo, não aceita as atrocidades cometidas pelo marido, discorda do salário dos funcionários e das brutalidades cometidas em nome do dinheiro. Desse modo, desenvolvem-se na narrativa os conflitos entre marido e esposa.

De um lado, Madalena recusa-se a admitir os comportamentos do marido e do outro Paulo Honório irrita-se e não entende a falta de companheirismo da esposa. O protagonista perde as rédeas da situação, se sente inseguro e o ciúme começa a atordoar a sua vida. Os gestos de Madalena irritavam-no e levavam a crer que ela o traia: “Eu ia lá continuar aguentar semelhante desgraça? O que me faltava era uma prova: entrar no quarto de supetão e vê-la na cama com outro” (RAMOS, 1991, p. 137).

Vivendo esse momento perturbador, Paulo Honório perde a estabilidade e transforma a vida do casal em um inferno. Ela, sendo tolhida e sentindo-se cada vez mais reprimida e infeliz, acaba se suicidando. Com a morte de Madalena, o narrador/personagem se vê perdido, sozinho e as coisas já não pareciam ter sentido como outrora. Ele tentou retomar a rotina, mas falhou.

Como necessitava distração, dediquei-me nervosamente a uma derrubada de madeira na mata. Depois mandei consertar o paredão do açude, que vazava. Mas o entusiasmo esfriou depressa. [...] E pensava em Madalena. Creio na verdade que a lembrança dela sempre esteve em mim. [...] E os assuntos mais atraentes me traziam enfado e bocejos (RAMOS, 1991, p.166).

Paulo Honório parece tomar consciência das suas atitudes mesquinhas e que acabaram levando-o à solidão, pois até mesmo as pessoas que moravam com ele e que foram usadas como instrumentos da ambição desmedida para atingir os objetivos dele abandonaram-no.

Quando completaram dois anos da morte de Madalena e seus amigos já não iam a São Bernardo discutir política, a vida tornou-se insuportável e ele encontrou uma maneira de expurgar a solidão e a tristeza narrando sua história. Ele não parece ter intimidade com a escrita e nem pretende o fazer de forma bela, mas sim como forma de preencher o vazio em sua vida e narrar a sua derrota.

Paulo Honório sente uma necessidade nova - escrever - e

As contradições e complexidades que levaram Paulo Honório a narrar sua história.

dela surge uma nova construção: um livro onde conta a sua derrota. Por meio dele obtém uma visão ordenada das coisas e de si, pois no momento em que se conhece pela narrativa destrói-se enquanto homem de propriedade, mas constrói com o testemunho da sua dor a obra que redime (CANDIDO, 2006, p.43).

Em São Bernardo (1991), Paulo Honório caracteriza-se como um indivíduo que atravessa o processo de mudança: tradicional para moderno, características essenciais da realidade brasileira. Carrega com ele vestígios de homem feudal, incutido no universo rural, porém com características de homem moderno, capitalista, que visa ao lucro e por isso encontra-se na fronteira entre passado e presente, no “além”, que segundo Homi K. Bhabha (1998, p.19), significa distância espacial e marca um progresso para o futuro, entretanto impossível fazê-lo sem um retorno ao presente. Chegar à modernidade implica em expandir o presente. Essas contradições percorrem toda a narrativa, assim como as contradições entre Paulo Honório e Madalena. Enquanto ele era individualista, ambicioso, buscava poder e usava as pessoas para consegui-lo, ela era humanista e seus atos resultavam em partilha. A realidade vivenciada pelo protagonista na fronteira das realidades parece colocá-lo como um homem que não soube lidar com as facetas da saída dos velhos tempos e entrada nos tempos modernos, o que acaba levando-o à solidão e à derrota. Mesmo conseguindo a posse de São Bernardo e tantas outras coisas, agora nada mais fazia sentido. Mas para que Paulo Honório se arrependesse foi preciso Madalena desistir, sair do espaço construído pelo individualismo e deixa-lo só. A morte de Madalena acabou com os objetivos dele e dela. Foram inúteis os esforços para conseguir tudo que almejava. “Consumir-se uma pessoa a vida inteira sem saber para quê! [...] Sol chuva, noites de insônia, cálculos, combinações, violências, perigos - e nem sequer me resta a ilusão de ter realizado obra proveitosa” (RAMOS, 1991, p. 181). Contar sua história surge como maneira de se redimir dos seus atos e buscar um sentido para sua vida.

Referências

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CANDIDO, Antônio. **Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade: doze lições**. Tradução de Luiz Sérgio Repa e Ródnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. 57. ed. Rio de Janeiro: Record, 1991.

TOURAINE, Alain. **Crítica da modernidade**. Tradução de Elia Ferreira Edel. 9. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.